

Bruxas modernas e golas antigas: a alquimia histórica no figurino de Wandinha Addams

Modern Witches and Ancient Collars: The Historical Alchemy in Wednesday Addams Costume

Stella Mendonça Caetano¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8640-4193>

[resumo] O ensaio explora o “vestido Wandinha” como um ícone pop que sintetiza narrativas complexas sobre feminilidade, infância e sua subversão, ao mesmo tempo em que mobiliza a memória cultural e as emoções. Através de uma revisão bibliográfica, o trabalho analisa a composição do figurino da personagem Wandinha Addams, suas origens históricas e seu significado cultural. O texto explora como o figurino incorpora elementos da moda puritana, no período histórico da caça às bruxas nos Estados Unidos da América (Blumberg, 2007; Federici, 2017; Murrell, 2021), e da gola Peter Pan (Fields, 2004; Khai-runnisa, 2014), criando uma dualidade entre inocência e perigo, a evolução da imagem da bruxa na cultura pop e como o figurino de Wandinha reflete essas narrativas. Neste sentido, o “vestido Wandinha” é um objeto singular por meio do qual é possível perceber como a moda na cultura pop pode condensar complexas narrativas históricas e sociais. Oferecendo uma gama de percepções acerca das mudanças na forma como a infância, feminilidade e religiosidade expressas na moda ao longo do tempo, a peça representa o poder que a moda tem de evocar o passado para conversar com o contemporâneo.

[palavras-chave] **Wandinha. Figurino. Cultura Pop. História da Moda. Memória.**

¹ Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); Mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologia (Cultpop). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6683371595996160>

[abstract] This essay explores the “Wednesday dress” as a pop icon that synthesizes complex narratives about femininity, childhood, and their subversion, and mobilizes cultural memory and emotions. Through a literature review, the work analyzes the costume composition of the character Wednesday Addams, its historical origins, and cultural significance. The text explores how the costume incorporates elements of Puritan fashion, during the historical period of witch hunts in the United States of America (Blumberg, 2007; Federici, 2017; Murrel, 2021), and the Peter Pan collar (Fields, 2004; Khairunnisa, 2014), creating a duality between innocence and danger, the evolution of the witch image in pop culture, and how Wednesday’s costume reflects these narratives. In this sense, the “Wednesday dress” is a unique object through which it is possible to perceive how fashion in pop culture can condense complex historical and social narratives. Offering a range of insights into the changes in how childhood, femininity, and religiosity are expressed in fashion over time, the piece represents the power that fashion has to evoke the past to converse with the contemporary.

[keywords] **Wednesday. Costume. Pop Culture. Fashion History. Memory.**

Recebido em: 17-02-2025.

Aprovado em: 15-04-2025.

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v18i44.1926>

De volta ao *spotlight*: o retorno da menina bruxa

Desde a estreia da celebrada série de terror comédia, com ares de conto de fadas gótico, *Wandinha*², em 2022, a personagem, que empresta seu nome ao título, sedimentou seu lugar entre os grandes personagens da cultura pop e se tornou um fenômeno cultural. A personagem, originalmente criada pelo cartunista Charles Addams na década de 30, permeia a cultura pop há, pelo menos, oitenta e cinco anos e passou por diversas atualizações nas adaptações e histórias da Família Addams produzidas para televisão, cinema e *streaming*, seja no formato *live action* ou em animação. Ao longo dos anos e atualizações o vestido que compõe o figurino da personagem se fixou no imaginário popular coletivo; de fantasias à influência na moda de rua e de subculturas, o vestido se popularizou como “vestido Wandinha” e por mais que pareça uma peça simples, sua composição, cor, influências e o corpo que veste fazem dele um recurso narrativo central para caracterizar a personagem e transmitir camadas de personalidade que acompanham a personagem desde sua criação e se complexificam conforme avançam suas adaptações.

Este ensaio teórico adota uma abordagem qualitativa para analisar o icônico “vestido Wandinha”, como um objeto de estudo da moda na cultura pop. Fundamentado em uma revisão bibliográfica, este trabalho explora as origens históricas e culturais dos elementos que compõem o vestido, buscando compreender como a moda, nesse contexto, funciona como linguagem visual e narrativa. A pesquisa investiga, ainda, de que forma o figurino condensa e comunica significados complexos relacionados à feminilidade, infância, subversão e memória cultural, bem como sua ressonância no imaginário social e na moda contemporânea. Por meio da revisão bibliográfica acerca do vestido, da personagem e dos temas da infância, crianças estranhas e bruxaria, este ensaio, de caráter exploratório, objetiva compreender como as informações de moda na composição dos figurinos de personagens da cultura pop, como o “vestido Wandinha”, podem ser ferramentas narrativas para além do texto e iniciar um movimento exploratório pela história da moda.

O vestido de Wandinha evoca dois períodos da história da moda estadunidense: os anos 1900 e os anos 1600, nos quais se destacam a criação da gola Peter Pan e a importância da indumentária puritana no episódio de Caça às Bruxas em Salém, nos EUA. A inocência infantil inspirada pela gola Peter Pan, branca, plana e arredondada, (Khairunnisa, 2014), contrasta com a composição que remonta à indumentária puritana, associada historicamente à acusação e morte de mulheres por bruxaria (Blumberg, 2007; Murrel, 2021). Essa dualidade intencionalmente construída posiciona a personagem em um limiar entre a inocência e a escuridão, a fragilidade e o perigo, caracterizando-a como uma ‘menina má’ ou ‘criança estranha’ típica dos romances góticos (MacFarlane, 2023).

² Nas primeiras traduções, o nome da personagem tinha início com a letra V. Somente em 2022, a partir da tradução de seu nome para intitular a série televisiva *Wednesday*, que o Vandinha passou a ser traduzido como Wandinha, por uma escolha de marketing e uniformização da plataforma de *streaming Netflix*. Portanto, tanto a grafia Vandinha quanto Wandinha podem ser usadas para se referir à personagem. Neste artigo, usarei a grafia mais atual: Wandinha.

O “vestido Wandinha”, além de um elemento estético, figura como uma extensão da identidade de Wandinha. Sua composição simples permitiu que ao longo das décadas este se solidificasse como um ícone na cultura pop, facilmente identificável, carregado de nuances e informações de moda que o dotam de capacidade para evocar uma gama complexa de significados. Sendo, portanto, um ponto de partida interessante, bem como uma materialização de como a moda pode ser utilizada como uma ferramenta narrativa na cultura pop, oferecendo uma paleta complexa e diversa de possibilidades que comunicam para além da imagem e, por isso, se torna essencial na criação e representação de personagens que ressoem com o público de seu tempo sendo ainda fundamental para os fluxos comunicacionais da cultura pop contemporânea.

Quem é essa menininha macabra?

A personagem Wandinha Addams é uma criação do cartunista Charles Addams que alcançou o *status* de fenômeno da cultura pop com o sucesso e popularidade da série que carrega o seu nome, “Wandinha”, lançada pela plataforma de *streaming* Netflix em 2022, com a peculiar direção de Tim Burton. A personagem central da série se tornou tão popular que, na cultura pop, existe hoje como um ícone independente. No entanto, nem sempre Wandinha foi apenas Wandinha. Vale lembrar que Wandinha é uma Addams.

A Família Addams é um conjunto de personagens criados por Charles Addams (1912 – 1988), autor e cartunista conhecido por seu estilo de vida, na época considerado excêntrico, mas que hoje podemos identificar como gótico. Mesmo que uma boa parte do trabalho de Addams não tenha esse tom sombrio, o conjunto de suas publicações mais sinistras e sombrias, em associação com sua imagem pública, impulsionou sua fama de “*Van Gogh dos Ghouls*”, “*Bela Lugosi dos Cartunistas*”, “guru dos cemitérios” e “catalisador do Gótico Americano” (Davis, 2021). Nesse cenário, a Família Addams foi criada para as histórias em quadrinhos de Charles Addams. O sucesso que procedeu aos quadrinhos pode levar a creditar que a família foi a maior publicação de Addams. No entanto, em quantidade, apenas 150 de aproximadamente 1300 quadrinhos retratam esses personagens.

A Família Addams retorna aos holofotes da cultura popular em 1964, quando ganhou uma adaptação para a televisão, dirigida e produzida por David Levy, transmitida pela emissora estadunidense ABC, que foi ao ar entre os anos de 1964 e 1966. Na década seguinte, em 1973, o estúdio de desenhos animados *Hanna-Barbera* produziu uma nova adaptação da família por demanda do público. A série animada foi transmitida nas manhãs de sábado de 1973 a 1975 na NBC. Posteriormente, a Família Addams foi adaptada para o cinema em 1991, em filme homônimo. Para Miserocchi (2021), o filme de 1991, dirigido por Barry Sonnenfeld e com Charles Addams como um dos roteiristas, foi um sucesso tão estrondoso que reviveu a família para toda uma nova geração que se encantou com sua estranheza. Nestas últimas adaptações, Wandinha ganha maior destaque por protagonizar suas cenas e diálogos marcantes. A personalidade excêntrica e sombria da personagem, presente na dupla de filmes noventistas, dá à personagem ganha maior destaque e caracterização, com atributos de personalidade que viriam a inspirar as adaptações futuras da personagem. A personalidade sombria, sádica, sagaz e quase apática da menina Addams fez dela um ícone da cultura pop e da cultura gótica. A menina que não sorri, esboça pequenos e sarcásticos sorrisos cada vez que uma de suas armações homicidas e incendiárias funciona.

Novas adaptações da Família Addams aconteceram nos anos 2019 e 2021 no formato de longas-metragens animados. As produções cinematográficas foram sucessos de bilheteria angariando legiões de fãs apaixonados pela família que, com o alcance nacional e internacional, os membros da família, tanto coletivamente quanto individualmente, expandiram seus horizontes comerciais, comercializando produtos que variam desde perfumes até serviços de telefonia internacional, revistas e até uísque japonês (Misericchi, 2021, p.16). No entanto, foi a série *Wandinha* que não apenas renovou o interesse pela família, mas também renovou o público e a fanbase dos Addams e da própria personagem.

“As Wandinhas” e seus figurinos

Wandinha é uma personagem que está presente na cultura pop há, pelo menos, oitenta e cinco anos. Em sua primeira aparição nos quadrinhos Wandinha era uma personagem cuja imagem corresponde a uma criança de cabelos lisos presos em duas tranças, rosto esguio e pálido, vestido preto com gola “*Peter Pan*” e botões brancos, meias e calçados pretos.

FIGURA 1. WANDINHA NOS QUADRINHOS DE CHARLES ADDAMS



FONTE: ADDAMS, Charles. *Black Maria*. Simon and Schuster, 1960. Disponível em: <https://attemptedbloggery.blogspot.com/2023/11/charles-addams-royal-canadian-mountie.html> Acesso em: 14 jul. 2024. Imagem obtida mediante impressão de tela.

Quando a personagem reaparece na série televisiva *A Família Addams*, de 1964, sendo interpretada por Lisa Loring aos seus seis anos de idade. O figurino escolhido replicava os elementos principais da roupa da personagem nos quadrinhos: cabelo preto, longo e trançado, vestido infantil preto com gola arredondada e botões brancos, meia-calça preta e sapatos pretos. Nas adaptações seguintes houve variações desse mesmo figurino. Na série animada de 1973, Wandinha aparece, pela primeira e última vez, com um vestido cor de rosa, com meias brancas e sapatilhas ao invés de botas; nos filmes de 1991 e 1993, o vestido todo preto ganha textura por meio de uma estampa vintage escolhida para dar à personagem mais identidade (Myers, 2020); nos longas animados de 2019 e 2021 as tranças da personagem formam uma força caindo por seus ombros, as meias voltam a ser brancas e as botas ganham mais altura em seus canos.

FIGURA 2. OS FIGURINOS DE WANDINHA NAS SÉRIES E FILMES



FONTE: Compilação de fotos e ilustrações, e extração do filme *A Família Addams* (1991). Imagens obtidas mediante impressão de tela.

Na série *Wandinha*, de 2022, a menina Addams passa por trocas de figurinos que deixam de ser apenas variações de suas antecessoras. O figurino tradicional ganha uma modelagem mais reta, menos infantil – afinal, na série, *Wandinha* é uma adolescente –, e a estampa sobre o vestido preto ganha mais destaque, criando textura e contraste. O tradicional vestido de gola se alterna com o uniforme da escola a qual a personagem frequenta, que atendendo à sua condição de alérgica a cores consiste em um conjunto de saia colegial e blazer listrados em preto e cinza que sobrepõem uma blusa branca com gola e punhos à mostra, gravata, meias pretas e um sapato que remonta ao lançamento de 2021 da marca Prada, o sapato *Monolith*. Outro figurino marcante da personagem na série foi o seu vestido de baile, um design da grife *Aiala*, usado por no episódio 4 da primeira temporada da série, intitulado “*Ai, Que Noite*”. Entre as transparências e babados conta também com a gola marcante do figurino tradicional, desta vez, na cor preta.

Apesar das variações ao longo dos anos e adaptações, o visual de assinatura da personagem permanece sendo o vestido preto na altura dos joelhos de magas compridas, gola branca, botões, meia-calça preta, botas de cano baixo, cabelos pretos divididos em duas tranças laterais e rosto pálido. Para além de um visual bem demarcado e consagrado na iconografia da cultura pop, o figurino de Wandinha, em consonância com os estudos de Scholl *et al.* (2009) e Costa (2002), é uma composição que conta sobre a história da personagem e suas características ao comunicando ao público, através de uma narrativa de moda, quem é Wandinha.

“Vestidinho”: o elemento infantil na composição do figurino

Após visualizar o figurino de Wandinha nas diversas adaptações que a personagem sofreu ao longo das mais de oito décadas em que esteve presente na cultura pop, a imagem que persiste em remeter à personagem é o vestido preto com gola branca, que não por acaso é, casualmente, chamado de vestido Wandinha. Para falar mais sobre essa peça e o que ela diz sobre a personagem vamos explorar um pouco da história do modelo, sem perder de vista que a menina Addams é uma personagem infanto-juvenil.

O elemento da infância ganha importância na presente análise a partir do momento em que ao observar o figurino icônico de Wandinha, em comparação com a de outras personagens femininas da família, há uma clara demarcação e etária. São três as mulheres Addams: Wandinha, Morticia e a Vovó Addams, mulheres em momentos distintos da vida que são apresentados aos olhos por meio da composição das personagens e de seus figurinos. Wandinha, representa a mulher Addams em sua infância, com ares de boneca macabra dado toque de estranheza de sua palidez e personalidade sádica e sarcástica, brindadas pelo vestido infantil tingido de preto com a gola branca em contraste e destaque.

No ano de 1900, no final do século XIX, um dos principais elementos do vestido Wandinha despontou: a gola que ficou conhecida como “gola Peter Pan”. Plana, delicada e com as pontas arredondadas a gola Peter Pan ganhou este nome em referência à gola usada por Maude Adams em performance como o personagem principal da peça teatral *Peter Pan*, em sua adaptação na *Broadway* em 1905. Fields (2004) revela que a própria atriz colaborou com o pintor John Alexander e sua esposa Elizabeth Alexander na criação do figurino.

O musical foi um sucesso e o figurino de Maude também. A gola Peter Pan logo se tornou um acréscimo popular ao design da moda nos Estados Unidos da América (EUA) e no Reino Unido, e rapidamente se tornou um estilo de gola popular em todo o mundo. Na moda europeia, porém, gola semelhante se tornou muito popular cinco anos antes, quando nas ilustrações do livro *Claudine à l'école*, ou *Claudine na Escola*, da autora Willy et Colette, a personagem principal era retratada com uma gola muito semelhante tendo o acréscimo de um lenço amarrado em laço.

Nos anos 1920, as golas se tornaram padrão nos vestidos de meninas, criando uma associação de inocência que persiste até hoje. Na década de 1930, o estilo se tornou quase obrigatório em casamentos, dessa vez nos vestidos das noivas adultas, complementando vestidos de cetim branco. Apesar de nas décadas posteriores terem aparecido nas diversas

formas e complementando estilos como *mod*, *pinup* e gótico, a gola Peter Pan seguiu como um ícone que evoca as ideias de infância, inocência e pureza (Khairunnisa, 2014).

Diante deste cenário é possível apontar que Charles Addams, ao criar Wandinha, buscou referências que lembrassem a pureza e a inocência da infância, dando a ela uma roupa popular entre crianças e reforçando a ideia de que ela é apenas uma menina. No entanto, o elemento perturbador da ordem usado por Addams para lançar sombras sobre a infância e subverter a imagem da uma típica criança de uma família estadunidense da época, reside no limiar entre a bruta realidade e o fantástico sobrenatural no qual estão as bruxas. A subversão da criança enquanto um ser inocente expressa no vestido de Wandinha, portanto, tem relação com um outro aspecto da história da gola nas roupas femininas estadunidenses: a caça às bruxas nas sociedades puritanas dos Estados Unidos da América.

A moda Puritana e as bruxas de Salém

Para compreender melhor essa origem estética tipicamente estadunidense que inspirou Charles Addams no momento da criação de Wandinha, faremos uma incursão na história das comunidades puritanas nos EUA a fim de traçar as relações entre suas origens e dinâmicas com o vestuário dos colonos que ficou marcado no imaginário popular.

A história do movimento religioso puritano começa na Inglaterra, no século XVI. Puritanos foi o nome dado aos religiosos rígidos que, insatisfeitos com a flexibilidade da Igreja Anglicana, se uniram para “purificar” a Igreja de elementos considerados católicos. Rechaçados e perseguidos pela Igreja Anglicana, os puritanos iniciaram um fluxo migratório para o “Novo Mundo”.

A migração puritana para a América do Norte teve início em 1620, quando um grupo de separatistas, conhecidos como Peregrinos, chegou a bordo do *Mayflower* e fundou a Colônia de *Plymouth*, no atual estado de *Massachusetts*. A esse evento seguiu-se uma onda migratória que se intensificou nas décadas seguintes. Entre 1630 e 1640, ocorreu o que ficou conhecido como a “Grande Migração”, período em que cerca de 20.000 puritanos ingleses se estabeleceram na Nova Inglaterra motivados, principalmente, pela busca de liberdade religiosa e pela oportunidade de criar uma sociedade baseada em seus princípios teológicos os puritanos (Hall, 1990).

Os puritanos valorizavam a modéstia e a simplicidade no vestir, vendo as roupas não apenas como uma necessidade prática, mas também como uma expressão de valores morais e espirituais. As roupas das mulheres puritanas eram, portanto, marcadas pela simplicidade, modéstia e funcionalidade, refletindo os valores religiosos e sociais da época. Cores sóbrias como preto, marrom, cinza e azul escuro predominavam em tecidos como lã, linho e algodão. Murrel (2021), aponta que os tecidos escuros eram usados em camadas, de forma que o traje típico consistia em várias camadas: começando por uma camisa de linho ou algodão, de mangas longas e decote alto, muitas vezes com gola ou colarinho; toucas e chapéus que escondiam seus cabelos e orelhas; e saias longas e amplas, presas na cintura por um cinto ou cordão completavam o conjunto, que podia, ainda, incluir aventais para proteger as roupas durante as tarefas domésticas (Murrel, 2021).

As golas eram peças importantes no vestuário feminino puritano. Confeccionadas em linho branco engomado, podiam ser planas ou com detalhes em renda. A escolha dos puritanos estadunidenses por golas planas, brancas e lisas de linho para cobrir o pescoço e o colo, estava alinhada com a sua busca por maior simplicidade e modéstia e, ao mesmo tempo, se diferenciava e afastava das elaboradas golas da moda europeia da época, expressando a rejeição puritana ao que consideravam excessos e luxos mundanos.

FIGURA 3 - REPRODUÇÃO DE UM TRAJE FEMININO PURITANO



Fonte: BBC FOUR, Dr Lucy Worsley Looks at How Clothing Changed - Harlots, Housewives and Heroines, YouTube, 28 de maio de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/LxPdqeUPGBI> Acesso em: 14 jul. 2024.

Imagem obtida mediante impressão e tela do vídeo.

A gola puritana carrega em si uma carga ideológica e religiosa que remete à simplicidade e modéstia, no entanto, na esteira daquilo do que é “puro”, a gola branca sobre as vestes escura passou a simbolizar, também, a pureza, a moral e a virtude.

A dinâmica centrada na igreja, deu aos líderes religiosos grande influência sobre as comunidades, que se estendiam desde de exercer poder nas decisões comunitárias para guiá-las, até regras sociais e julgamentos de desviantes. Este cenário apresentou um terreno fértil para a prática de intolerância religiosa em relação a dissidentes e a perseguição de supostas bruxas, que resultou em casos violentos de perseguição e assassinato, principalmente, de mulheres. O mais famoso desses episódios é o da Caça às Bruxas de Salém, que ocorreu entre 1692 e 1693 nos EUA, na qual foram acusadas mais de 200 pessoas, 20 delas foram executadas (Blumberg, 2007).

As Bruxas de Salém

Conforme Mundra *et al.* (2016), os julgamentos das bruxas de Salem tiveram início com relatos de doenças inexplicáveis entre jovens garotas da cidade, incluindo sintomas como cegueira temporária, lesões cutâneas, convulsões e alucinações diagnosticados como bruxaria, um diagnóstico que desencadeou uma série de perseguições e acusações que, em

contato com a cultura puritana, profundamente enraizada na crença na existência de bruxas, criou um ambiente fértil para a aceitação dessa explicação sobrenatural (Boyer; Nissenbaum, 1974; Mundra, 2016). Ainda, havia uma tensão social latente em razão dos conflitos com aldeias vizinhas e o medo puritano de que sua vila sofresse com ataque indígenas, catalisando, assim, a histeria coletiva que precedeu a caça às bruxas (Sherwin, 2023).

O curto período de crueldade misógina foi marcado pela ideia de que “a bruxaria era associada às mulheres porque elas eram vistas como “o receptáculo mais fraco”, mais suscetíveis à tentação diabólica” (Gaskill, 2010). Assim, enquanto alvos, mulheres tinham seus corpos, suas vestimentas e comportamentos fiscalizados e qualquer desvio poderia resultar em uma acusação, vez que a relação entre a ideologia religiosa puritana e a vestimenta foi um aspecto importante da cultura dessas comunidades.

As acusações de bruxaria, frequentemente eram também baseadas em estereótipos físicos e sociais, revelam uma profunda misoginia e um medo do envelhecimento e da diferença. Conforme Bechtel (2002), as mulheres acusadas eram descritas como feias, velhas, com deformidades físicas ou, paradoxalmente, como belas e sedutoras através de pactos demoníacos. Essas características, de acordo com Ginzburg (2012), reforçam a ideia de que as condições físicas eram uma manifestação externa do mal. Para além dos corpos e das vestimentas, há uma face desse controle que se ocupa do aspecto reprodutivo (Federici, 2017), isto porque as acusações de crimes de bruxaria consistiam, principalmente, em feitiços para provocar infertilidade, impotência sexual, abortos, morte de bebês, recém nascidos ou durante o parto, além do uso do sangue desses infantes para rituais sabáticos (Chiovatto, 2018).

Sob a acusação de praticar crimes de bruxaria mulheres eram punidas com a morte por fogo. Suas execuções públicas por meio de queima na fogueira serviam como espetáculos didáticos.

A execução era um importante evento público que todos os membros da comunidade deviam presenciar, inclusive os filhos das bruxas, e especialmente suas filhas, que, em alguns casos, eram açoitadas em frente à fogueira na qual podiam ver a mãe ardendo viva. A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; uma tentativa de degradá-las, de demonizá-las e destruir seu poder social (Federici, 2017, p. 333-334)

Ao refletir sobre o porquê de as bruxas serem queimadas, Silvia Federici (2017) argumenta que a prática foi um ponto fundamental na instauração da ordem capitalista e patriarcal. Ao queimar as mulheres o controle sobre seus corpos era quebrado, bem como extirpada sua autonomia sexual e reprodutiva. Totalmente dominadas, mulheres foram controladas pelos homens e pelo Estado. A morte na fogueira, tão persistentemente recordada na história da “mulheridade”, simbolizou a destruição e total aniquilação simbólica da mulher naquelas sociedades, trazendo à tona o quanto mulheres possuíam, um não-valor e suas existências eram banais (Bandeira; Magalhães, 2019).

As bruxas de Salém – e tantas outras acusadas de bruxaria -, foram mulheres vítimas de violência, tratadas e retratadas como selvagens, burras, fracas - fisicamente, mentalmente e espiritualmente-, sexualmente promíscuas e insaciáveis, rebeldes, insubmissas, sem capacidade de controlar a si mesmas. Essa descrição cânone bestial contrasta com a domesticação da figura da mulher puritana e com o papel esperado das mulheres a partir do século XVIII. A construção de uma nova ordem patriarcal exigia mulheres que, por meio da passividade, anulação de seus desejos sexuais e obediência, pudessem servir aos homens, até mesmo como bússola moral (Federici, 2019). Mulheres seguiam no papel de servas da força de trabalho masculina, dentro de corpos controlados, agora, não somente pelo medo do fogo.

Wandinha e a roupa das bruxas

A caça às bruxas chegou ao fim, mas o mito em torno da figura da bruxa continuou assombrando o imaginário de homens e mulheres pelo globo. Federici (2017), relata que após o fim da caça às bruxas, muitas mulheres encontraram no resíduo da mística sobrenatural da mulher bruxa uma forma de continuar se sustentando, oferecendo serviços de vidência, encantamentos, venda de poções mágicas e outras formas de magia.

O conceito de bruxaria, e a ideia de bruxa, conforme Russell e Alexander (2008), remonta a um contexto histórico-político-social complexo, anteriormente abordado neste texto. Na mistura de folclore com crenças pagãs e cristãs, a heresia cristã aparece como elemento essencial da caracterização do que pode ser entendido como bruxaria. Assim, prevalece a ideia de que, simbolicamente, a bruxaria e as bruxas estariam diretamente ligadas ao Diabo.

O caráter herege demoníaco das bruxas continuou a ser replicado na cultura popular, estando presente em contos infantis, filmes, histórias em quadrinhos, livros e outros produtos culturais. Tsugami (2019) aponta que foi somente na década de 1960 que um conjunto de situações levou à reinterpretação da figura da bruxa e sua construção no imaginário popular. Com os movimentos *new age* e *hippie*, que surgiram nos anos 60 e ganharam força nas décadas seguintes, o misticismo e o esoterismo se popularizam e conferem a ideia de bruxaria um caráter de prática e vivência espiritual adotada por pessoas que estariam trilhando caminhos opostos ao cristianismo (Tsugami, 2019).

Na década de 1970, o movimento feminista busca na imagem da bruxa uma representação da força feminina antagonista à estrutura, não mais uma imagem vilanizada e condenada. A bruxa ganha contornos positivos por meio da recuperação de seu imaginário, feita pelo movimento feminista na década de 70 e, desde então, continua um símbolo da luta feminista pelo direito a sua história, existência e dignidade. Nesse sentido, são resgatadas as características que condenaram mulheres à tortura e morte durante a caça às bruxas como, por exemplo, a ideia da bruxa de uma maneira positiva, e também a bruxa como uma mulher dotada de conhecimentos ou a bruxa como curandeira (Federici, 2019).

Acompanhando a crescente difusão cultural da bruxaria, a cobertura midiática de crimes trágicos passou a atribuir à bruxaria e ao (neo)paganismo a alcunha de fonte de motivação dos acontecimentos sangrentos. Esses movimentos, em terras estadunidenses, deram origem ao que ficou conhecido como *Satanic Panic*, ou Pânico Satânico, um episódio

de pânico moral que marcou a década de 1980 com inúmeras denúncias de cultos satânicos que estariam cometendo crimes violentos em adoração ao Diabo.

Outro movimento pode ser observado na cultura pop. O pânico moral incitou o interesse geral sobre o tema, que logo começou a aparecer em filmes, séries, músicas e outras produções audiovisuais. No entanto, o que se observa é que a retratação da figura da bruxa e da bruxaria tomou caminhos menos demoníacos – mas não menos hereges. Sob uma perspectiva mais moderna e alinhada com a ideia da bruxaria enquanto prática espiritual, bruxas começaram a ser retratadas como mulheres jovens, sem verrugas ou marcas no corpo que sinalizassem seu pacto, cujos objetivos giravam em torno de combater o mal.

Nessa esteira, os fluxos da bruxaria que vinham permeando a cultura pop desde a década de 1960, culminam em um interesse acentuado pela temática que a indústria do entretenimento teve tema nos anos 90. Os filmes, séries, livros, músicas, videoclipes, quadrinhos e tantos outros produtos de mídia produzidos em torno das bruxas - como os filmes *The Craft* (1996) e *Practical Magic* (1998) e a série *Charmed* (1998) -, ajudaram a difundir e popularizar, de maneira global, essa nova imagem da bruxa e bruxaria modernas (Russel; Alexander, 2008; Tsugami, 2019). Desde então, as representações de bruxas oscilam entre o monstruoso e o feminino mágico empoderado moderno.

Dentro das possibilidades de abordagem, cabe apontar que a imagem demonizada de mulheres vitimadas pela caça às bruxas, porém, ainda é frequentemente explorada na cultura pop, bem como sua relação com a sexualidade e domínio de corpos femininos. Não é incomum que em narrativas ficcionais pop a mulher bruxa perca suas roupas ao longo de seu percurso de acusação, linchamento, julgamento e morte. Perdendo, ou tendo arrancadas de si, as camadas de roupas que cobrem seu corpo até que, por vezes, em chamas, sua pele queima nua, por outras o corpo nu se junta ao sabá das bruxas em deleite, como acontece em séries como *Salem* (2014) e o filme *A Bruxa* (2015), por exemplo.

No entanto, Wandinha e seu vestido se encontram em uma interseção entre a moda, a história e a cultura pop que se alinha mais à construção da imagem da bruxa moderna oriunda da década de 1990, seguindo o lastro de produções como os filmes *As Bruxas de Eastwick* (1987), *The Craft* (1996), a saga *Harry Potter* (2001 – 2011), e *A Bruxa do Amor* (2016); bem como séries tais quais *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira* (1996), *O Mundo Sombrio de Sabrina* (2018) e a própria *Wandinha* (2022).

A série *Wandinha* (2022), que dá maior destaque e desenvolvimento à personagem, é uma comédia de terror de estética gótica de conto de fadas macabro, com cenários que remetem à arquitetura gótica e vitoriana, mas com uma protagonista moderna: mulher, jovem, empoderada, corajosa e segura de si.

Wandinha, trajada em seu clássico vestido, objeto deste estudo, cria uma imagem que não é apenas um elemento visual, mas salta aos olhos como um poderoso catalisador de emoções que ressoam com o público contemporâneo. A dualidade presente na personagem e seu vestido - inocência infantil e sombria subversão - evoca sentimentos complexos e conflitantes nos espectadores, gerando reações comportamentais que vão desde a repulsa à identificação, de forma que há na imagem de Wandinha o poder de despertar emoções viscerais, comportamentais e reflexivas (Norman, 2008).

No momento visceral, o contraste entre a gola branca e o tecido preto em corte que remete ao imaginário e social infantil ao mesmo tempo que ao das bruxas, cria uma tensão visual imediata, despertando curiosidade e, possivelmente, um leve desconforto. No aspecto comportamental, o impacto da imagem de Wandinha comunica a natureza paradoxal da personagem, seu figurino e narrativa histórica de moda nele contida. Reflexivamente, o vestido é um convite ao espectador, a fim de que se sinta atraído e mergulhe na exploração das camadas de significados históricos e culturais que ele incorpora.

FIGURA 4 - BALANÇO, DE CHARLES ADDAMS



Fonte: ADDAMS, Charles. Happy Father's Day, 19 de junho de 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ce_mCbVukwp/ Acesso em: 14 jul. 2024.

Wandinha, atende à dois tropos das narrativas ficcionais modernas e do terror: a jovem mulher moderna além dos padrões e a menininha assustadora. Ambos, na narrativa de Wandinha, caminham juntos na medida em que as contradições inerentes às representações da criança má, cuja presença gera perturbação e destruição, ou mesmo da criança monstruosa, que representa perigo, estão presentes na composição da personagem.

A menininha assustadora desempenha um papel específico: ela é a figura por meio da qual a narrativa é perturbada. Esse tropo se manifesta em personagens femininas que reproduzem feminilidade, são pequenas e jovens – meninas -, mas sua presença nas narrativas góticas contemporâneas desestabiliza o que é familiar, doméstico e fofo, servindo como a base para o desconforto que ela evoca (MacFarlane, 2023).

O apelo que a menina Addams tem para mulheres adolescentes e adultas é decorrente deste papel disruptivo que a personagem desempenha desde as adaptações cinematográficas de 1991 e 1993. Wandinha quebra a expectativa do que se espera de meninas e mulheres ao se recusar a sorrir e ser intransigente, comportamento envolvido pelo humor do absurdo e o sombrio que a cerca. Essas características ressoam com mulheres e meninas na medida em que, na tecitura da narrativa da vida, mulheres são o Outro, e o outro é diferente, é assustador, é monstruoso por vezes, mas o Outro também se destaca. De origem latina, alérgica a cores, é a mais estranha entre os estranhos, a excluída pelos excluídos e por isso, na sua singularidade; o que faz de Wandinha uma monstruosidade é o que a faz protagonista de sua história.

Para Mulvey-Roberts (2016), assim como na literatura gótica e adulta, os monstros, e personagens monstruosos, aparecem para expressar medos e ansiedades sociais, expondo pontos críticos na cultura e relações. Nas peças infantis essa monstruosidade destaca as “crises culturais” nas quais as crianças estão situadas, como por exemplo a compreensão de quem são, formação de personalidade, identificação de diferenças, mudanças fisiológicas próprias do crescimento e até mesmo o encaixar-se ou não no papel que se espera que ele/ela desempenhe ao crescer.

A narrativa de *outcast* apresentada pela personagem, em especial na série de 2022, utiliza o figurino como ferramenta para transmitir visualmente sua mensagem, identificar a personagem e o lugar que ela ocupa na história que está sendo contada, sem deixar de gerar identificação com o público. No caso de Wandinha, essa identificação se deu, majoritariamente, com o público jovem feminino vez que a personagem apresenta um visual que, apesar de infantil, distorce a própria imagem de criança trazendo, através do gótico, das referências para a confecção de seu figurino e, ainda, da predominância do uso da cor preta, um ar de estranheza. Tal conjunto de elementos estéticos formam a imagem-ícone de Wandinha em no imaginário popular e na cultura pop, de forma que as camadas da personagem, hoje, podem ser compreendidas, quase que de imediato, ao vislumbre de seu tradicional “vestidinho”.

Esta ressonância emocional particularmente forte entre o público feminino jovem, manteve o vestido Wandinha um item popular na moda alternativa e muito presente nos guarda-roupas de mulheres góticas ao redor do mundo, que encontram no figurino de Wandinha uma expressão tangível de suas próprias experiências de não-conformidade e busca por identidade. Se após o retorno da personagem aos holofotes, por meio do sucesso da série em 2022, seu figurino tradicional se tornou fantasia de carnaval, antes disso vestiu incontáveis mulheres de estilo alternativas, de identidades subculturais e bruxas modernas que, sem precisar emitir palavras para expressar suas identidades usaram a moda para articular seus se expressarem com o corpo todo. O “vestido Wandinha” é, portanto, no *underground* e

mainstream, um símbolo de rebeldia contra expectativas sociais restritivas, evocando sentimentos de empoderamento e identificação em meninas e mulheres.

Essa relação da peça com as (sub)culturas e a moda alternativa está relacionada com o movimento assíncrono dos microcomércios em relação à indústria massiva da moda, que ocorre por meio do consumo subcultural. Na subcultura gótica, por exemplo, a produção das peças é feita por integrantes da comunidade gótica, ou outra subcultura, visando alcançar outros integrantes da mesma comunidade ou que circulam pela moda alternativa, a fim de que todos possam ter acesso à produtos diferenciados “de gótico para gótico”, ou “de alternativo para alternativo” (Caetano, 2020b). Este movimento está em consonância com a ideia de *slow fashion* uma vez que o consumo deixa de ser rápido e descartável, diante da relação estabelecida entre o usuário, sua identidade, sua prática de consumo e a peça objeto de consumo (Fletcher, 2010).

Outro papel relevante que o circuito da moda alternativa desempenha em relação o vestido Wandinha é o de ser crucial na longevidade da relevância da peça no imaginário popular. O figurino de Wandinha, com sua estética atemporal e rica em significados, demonstra como uma peça de vestuário pode resistir às tendências efêmeras e se tornar um objeto de valor duradouro. Sua persistência através de várias décadas e adaptações da personagem demonstra como a moda pode ser um veículo de memória cultural e continuidade histórica.

Para além, das dinâmicas comerciais de consumo e fruição, no âmbito da vivência, expressão e identificação subcultural, o vestido de Wandinha movimenta as cordas da identidade e da diferença, na construção de identidades pessoais e coletivas, integrando o processo de formação de comunidade a partir do reconhecimento entre os indivíduos. É um recurso de moda e design que destaca e afirma o pertencimento ao grupo por meio de elementos e símbolos compartilhados, incluindo códigos de vestimenta (Miller, 1987; Caetano, 2020a; Silvano, 2021).

O vestido de Wandinha, sob a ótica da história da moda, denota sua herança histórica calcada na indumentária puritana de comunidades da Nova Inglaterra, nos EUA. O vestido preto e a gola branca flertam com a moda popular infantil para, não só evidenciar que a personagem é uma criança/mulher jovem, mas, para, também, evocar uma inocência que é, prontamente, contaminada pela cor preta do tecido e quebrada pelas linhas retas da gola puritana. Esse vestido, e os elementos que o compõe, causam um incômodo visual que, após mais de oitenta anos circulando pela cultura pop, pode passar despercebido: por que uma inocente e angelical criança está vestida com uma roupa preta de bruxa? Por que macular um ser tão puro e divino? É uma heresia!

A heresia do vestido Wandinha não está somente na contaminação da infância com símbolos de bruxaria, mas também na forma como, nas atualizações da cultura pop estadunidense, a indumentária puritana perde camadas e comprimento, ganha cores, profana a modéstia, brinca com a quebra de regras empoderadora. A gola alta e pontuda da indumentária puritana não cumpre mais a função de cobrir pescoços, mas sim de adornar os vestidos das bruxas e perturbar o julgamento acerca de sua profanação ou inocência. A indumentária puritana se torna o vestido das bruxas não queimadas dentro de uma abordagem crítica da história da caça às bruxas nos EUA.

A brincadeira subversiva e a crítica irônica fazem parte do jogo narrativo e imagético que as adaptações Família Addams 2 e Wandinha (2022) fazem a partir da personagem e as origens históricas de seu “figurino assinatura”.

Em *A Família Addams 2* (1993), os pré-adolescentes Wandinha e seu irmão Feioso são enviados para um acampamento e lá se unem com um grupo de crianças desajustadas que são excluídas pelas crianças “modelo”. O grupo é composto por personagens que representam de modo estereotipado os nerds, imigrantes, adolescentes gordos e fora do padrão social que faz contraponto a eles no filme, adolescentes sorridentes, loiros e entusiasmados. Wandinha lidera o grupo na armação e um plano para se vingar dos outros adolescentes e dos monitores do acampamento com uma revolta durante a apresentação de uma peça de teatro.

A peça intentava retratar a origem do feriado estadunidense de ação de graças por meio de uma encenação do momento no qual indígenas e colonos peregrinos e puritanos entrariam em um acordo paz durando o jantar com um peru assado no centro da mesa e uma declaração de que os indígenas estariam perdoados pelo conflito por suas terras.

O filme apresenta uma narrativa falsa que exclui a ação colonizadora da tomada de terra indígena pelos colonos. Há também o apagamento de toda a violência perpetrada contra eles – que, como vimos anteriormente, forneceu mais lenha para as fogueiras da caça às bruxas. Diante disso, o filme traça um paralelo com a história de exclusão social das crianças estranhas do acampamento. Neste contexto, Wandinha, a menina do vestido puritano herege, recebe o papel de liderança.

A narrativa retira de Wandinha seu “figurino assinatura” e a coloca nas vestes de “nativa americana” à frente de um monólogo crítico acerca da peça que estava sendo apresentada. Wandinha destaca as consequências que a colonização imputou aos povos indígenas estadunidenses e se recusa a sentar na mesa de ação de graças, liderando uma pequena revolução na qual os excluídos ateiam fogo no palco, nos monitores e nos pais que estavam presentes e sentam-se juntos à mesa enquanto os “colonizadores” estão amordaçados. A provocação religiosa é, também, uma nuance nessa sequência, vez que os colonos, extremamente religiosos e puristas, são confrontados pela decisão dos hereges, que condenam qualquer aliança, assim como os puritanos fizeram com indígenas e acusados de bruxaria na história real dos EUA.

Wandinha ganha um novo monólogo que brinca e ironiza essa herança puritana, que está presente no seu vestido pop e na cultura popular estadunidense. No terceiro episódio da primeira temporada, “Amiga ou Desgosto”, de *Wandinha* (2022), a personagem, junto com os colegas de escola, deve trabalhar no parque temático *Peregrino’s*, na cidade fictícia de *Jericho*. Na vila turística que exalta a história dos colonos, Wandinha deve vender o doce *fudge*. Vestida com a indumentária puritana, Wandinha inicia seu monólogo ao oferecer o doce a um grupo de visitantes: “Aproveitem seu autêntico fudge dos peregrinos. Feito com grãos de cacau colhidos por indígenas oprimidos na Amazônia”. À frente, a aponta e denuncia a tentativa de embranquecer a história da América, afastando de vez os visitantes ultrajados.

A relação da personagem com os puritanos e com as bruxas, fica ainda mais evidente no desenrolar da trama da série que revela que o homenageado puritano Joseph Crackstone, promoveu na cidade de *Jericho* uma caça às bruxas da qual somente uma bruxa sobreviveu, Goody Addams, antepassada de Wandinha. A bruxa amaldiçoou o puritano e trancou sua alma em um caixão selado, que somente poderia ser aberto por sangue Addams. Eventualmente, o sangue de Wandinha é usado para abrir o selo, porém, mais uma vez, o puritano é derrotado e exterminado por uma jovem bruxa, com os aconselhamentos do fantasma da bruxa ancestral de sua casa e a ajuda de aliados.

O figurino, portanto, caminha em harmonia com o texto das representações audiovisuais da personagem desde de sua criação na década de 1930. Em um mundo contemporâneo marcado pela volatilidade das imagens e pela rapidez das mudanças culturais, o “vestido Wandinha” oferece um ponto de ancoragem, um objeto de significado duradouro que resiste à efemeridade, ao passo em que encapsula o paradoxo da hipermodernidade: a busca incessante pelo novo e pelo efêmero; e o desejo de retornar às raízes em busca da autenticidade (Lipovetsky, 2006; 2020). Ele é ao mesmo tempo um ícone pop contemporâneo e uma peça que evoca uma longa história cultural, desde a moda puritana até as reinterpretações feministas da figura da bruxa.

A roupa criada por Charles Addams para vestir sua menina estranha é pioneira na herege subversão da indumentária puritana na cultura pop e, até os dias atuais, entre reinterpretações, veste tantas outras jovens meninas bruxas na cultura pop e mulheres alternativas pelas ruas.

A heresia feminina é *pop*!

Do sacrifício de bebês à doce inocência infantil, o vestido Wandinha, emerge como um ícone pop que sintetiza narrativas complexas sobre feminilidade, infância e, crucialmente, sua corrupção e subversão deliberada. A peça tem a capacidade de transformar a heresia feminina em um fenômeno culturalmente ressonante. A aparente inocência do modelo infantil e da gola Peter Pan – elemento que, desde sua popularização no início do século XX, consolidou-se como símbolo da pureza pueril (Khairunnisa, 2014) – é intencionalmente juxtaposta à sombria indumentária de inspiração puritana, eco visual dos tempos em que mulheres eram acusadas de bruxaria e silenciadas (Blumberg, 2007; Murrel, 2021). Essa dualidade, cuidadosamente construída desde a criação original de Charles Addams, posiciona a personagem num limiar entre o inocente e o sombrio, o frágil e o perigoso, materializando uma heresia que desafia as expectativas tradicionais de docilidade.

Wandinha e seu vestido personificam o tropo de “menina má”, ou “criança estranha”, recorrentes nos romances góticos e histórias de horror, cuja presença desestabiliza o familiar e o doméstico. Essas são personagens femininas que reproduzem a feminilidade, ou seja, são pequenas e jovens, mas sua mera presença causa desconforto (MacFarlane, 2023; Balanzategui, 2018). A dificuldade de decifrar tais personagens é um componente central da caracterização da própria Wandinha, na qual a recusa em sorrir, a palidez e seu vestido, funcionam como manifestações visuais dessa calculada heresia, subvertendo a imagem da típica criança estadunidense.

O vestido Wandinha é um simples vestido infantil com uma gola que evoca a inocência e a pureza da infância, mas tanto a própria gola quanto sua cor preta lançam sombras e criam nuances narrativas para a personagem e para as histórias das quais participa. A análise do “vestido Wandinha” revela como a moda na cultura pop transcende o mero estilo, funcionando como uma linguagem visual que enriquece a narrativa tradicional. Ele entrelaça a história da moda com a história das mulheres, condensando séculos de significado em uma única peça de vestuário. Das acusações de bruxaria nos tempos puritanos à reapropriação feminista da figura da bruxa, o vestido carrega um peso histórico significativo. Sua longevidade e adaptabilidade através de várias reinterpretações e atualizações da personagem ao longo de décadas atestam seu poder como ícone cultural.

O “vestido Wandinha”, portanto, transcende o mero estilo para operar como uma complexa linguagem visual, entrelaçando a história da moda com a história das mulheres e condensando séculos de significado. A indumentária puritana, com suas golas altas e pontudas originalmente destinadas a cobrir pescoços e impor modéstia, é aqui profanada e ressignificada. Ela não mais cumpre sua função repressora, mas adorna os vestidos das “bruxas não queimadas”, perturbando o julgamento acerca de sua inocência ou profanação. Essa brincadeira subversiva e crítica irônica é central nas adaptações da Família Addams, como na cena da peça de Ação de Graças em *A Família Addams 2* (1993) ou no episódio do parque temático Peregrino’s em *Wandinha* (2022), onde a personagem, vestida com trajes que remetem ao puritanismo, denuncia a falsificação histórica e a opressão, conforme indicado anteriormente.

A capacidade do vestido analisado de evocar múltiplas camadas de significado — desde a história da caça às bruxas (Federici, 2017) até a subversão contemporânea de estereótipos de gênero —, o consagra como um “receptáculo de memória e significados” (Stallybrass, 2012). Ele carrega o peso histórico das perseguições e dialoga com a reapropriação feminista da figura da bruxa, que transita de vilã a símbolo de força e resistência (Tsugami, 2019; Federici, 2019). Sua longevidade e adaptabilidade, manifestas nas diversas reinterpretações da personagem ao longo de mais de oito décadas, atestam seu poder como ícone cultural, permitindo que ressoe com o público feminino jovem, que encontra no figurino uma expressão tangível de não-conformidade e busca por identidade, seja no *mainstream* ou nas modas alternativas e (sub)culturais

Itens como o vestido Wandinha, oferecem uma paleta rica de símbolos e significados que aprofundam a composição e caracterização de personagens capazes de criar personagens que ressoam com o público contemporâneo. Explorar essa “paleta *fashion*”, que hibridiza história, imaginação e crítica social, permite analisar os figurinos como objetos de estudo complexos e comunicativos que enriquecem e alimentam a cultura pop. O vestido Wandinha, ao hibridizar narrativas históricas, culturais e sociais complexas em uma única peça de vestuário, oferece *insights* não apenas sobre a personagem, mas, também, sobre as mudanças nas percepções sociais de infância, feminilidade e religiosidade expressas na moda na moda e na cultura popular, solidificando a ideia de que, de fato, a heresia feminina, quando bem costurada, é eminentemente pop.

Referências

BALANZATEGUI, Jessica. **The Uncanny Child in Transnational Cinema: Ghosts of Futurity at the Turn of the Twenty-First Century**. Amsterdam: University Press, 2018.

BANDEIRA, Lourdes Maria; MAGALHÃES, Maria José. A transversalidade dos crimes de femicídio/feminicídio no Brasil e em Portugal. **Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal**, v. 1, n. 1, p. 29-56, 2019.

BECHTEL, Guy. **As quatro mulheres de Deus: a puta, a bruxa, a santa e a imbecil**. Lisboa: Multinova, 2002.

BOYER, Paul; NISSENBAUM, Stephen. **Salem possessed: The social origins of witchcraft**. Harvard University Press, 1974.

BLUMBERG, Jess. **A brief history of the Salem witch trials: One town's strange journey from paranoia to pardon**. 2007. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/a-brief-history-of-the-salem-witch-trials-175162489/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

CAETANO, Stella Mendonça. Indumentária, pertencimento e diferenciação: o papel das roupas na construção de uma identidade coletiva gótica. **Revista Ensaios**, v. 16, jan-jun, p. 176-192, 2020a.

CAETANO, Stella Mendonça. O consumo subcultural à luz da Teoria Cultural e da Filosofia da Diferença: a identidade e a identificação na esfera micro do gótico. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020b.

COSTA, Francisco Araujo da. O figurino como elemento essencial da narrativa. **Sessões do imaginário**, v. 7, n. 8, 2002.

DAVIS, Linda. **Chas Addams: a cartoonist's life**. Nashville: Turne Publishing Company, 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FIELDS, Armond. **Maude Adams: Idol of American Theater, 1872-1953**. Jefferson: McFarland, 2004.

FLETCHER, Kate. Slow fashion: An invitation for systems change. **Fashion Practice**, v. 2, n. 2, p. 259-265, 2010.

GASKILL, Malcolm. **Witchcraft: a very short introduction**. Nova York: Oxford: 2010.

GINZBURG, Carlos. **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Cia. de Bolso, 2012.

GODBEER, Richard. **Witch-Hunting in Seventeenth-Century New England**: a Documentary History, 1638-1692. Massachusetts: The New England Quarterly, 1991.

HALL, David D. **Worlds of wonder, days of judgment**: Popular religious belief in early New England. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

KHAIRUNNISA, Erika. A Semiotic Analysis of Fashion Domination through Signs in Music Videos. **Passage**, v. 2, n. 1, p. 41-55, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da sedução**: democracia e narcisismo na hipermodernidade liberal. São Paulo: Manole, 2020.

MACFARLANE, Karen E. Creepy Little Girl. **Gothic Studies**, v. 25, n. 1, p. 1-19, 2023.

MILLER, Daniel. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MISEROCCHI, Kevin. **A Família Addams**: álbum de Família. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.

MULVEY-ROBERTS, Marie. **Dangerous bodies**: Historicising the gothic corporeal. Manchester: Manchester University Press, 2016.

MUNDRA, Leela S. *et al.* The Salem witch trials—bewitchment or ergotism. **JAMA dermatology**, v. 152, n. 5, p. 540-540, 2016.

MURRELL, Rachel. **Dressing the Witch**: Clothing, the Body, and Accusations of Witchcraft in Puritan New England. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Faculdade de Artes, Claremont Graduate University, Claremont, 2021. Disponível em: https://scholarship.claremont.edu/cgu_etd/242/. Acesso em: 14 mai. 2025.

MYERS, Ruth. **How The Addams Family Made Everyone Want to Dress Like Morticia and Wednesday**. Ana Gragert. ELLE Magazine. 30 out. 2020. Disponível em: <https://www.elle.com/culture/movies-tv/a34526239/addams-family-costume-designer-secrets/> Acesso em: 10 mai. 2025.

NORMAN, Donald A. **Design emocional**: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RUSSELL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.

SILVANO, Filomena. **Antropologia da Moda**. Lisboa: Documenta, 2021.

STALLYBRASS, P. **O Casaco de Marx**: roupas, memórias, dor. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCHOLL, Raphael Castanheira.; DEL-VECHIO, Roberta.; WENDT, Guilherme. Welter. Figurino e Moda: Intersecções entre criação e comunicação. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL. 10., 2009, Blumenau. **Anais [...]**. Blumenau, 2009. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/r16-0855-1.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2025.

TSUGAMI, Susan Sanae. (Neo) Paganismo, Cultura Pop e Mídia. **Sacrilegens**, v. 16, n. 1, p. 06-24, 2019.

SHERWIN, Brie D. Hocus Pocus: Modern-Day Manifestations of Witch Hunts. **Nw. JL & Soc. Pol'y**, v. 19, p. 1, 2023.

Revisora do texto: Cynthia Emmerich, Beletrista e bacharel em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: emmerichcynthia@hotmail.com.